

Vol 17, Núm.1, jan-jun, 2024, pág. 852-872.

Entre heróis e conquistadores: O legado de Ajuricaba e o peso da herança europeia na educação histórica de Humaitá, Amazonas, Brasil

Entre héroes y conquistadores: el legado de Ajuricaba y el peso de la herencia europea en la educación histórica en Humaitá, Amazonas, Brasil

Jhully Gomes Morais¹
Suely A. do N. Mascarenhas²

RESUMO

Este artigo oferece uma análise da disparidade das representações históricas em Humaitá, Amazonas, Brasil. Através de uma abordagem que combina a análise de conteúdo dos livros didáticos com as narrativas de professores atuantes na região, o artigo revela uma ocultação de figuras históricas locais, em particular o Cacique Ajuricaba, um líder indígena emblemático, em comparação com o destaque dado às personalidades e eventos europeus. A pesquisa, conduzida sob a perspectiva histórico-cultural, evidencia como a educação histórica no município tem sido influenciada por uma visão eurocêntrica, frequentemente relegando personagens e eventos locais a um papel secundário ou mesmo omitindo-os. Este desequilíbrio não apenas distorce a compreensão dos estudantes sobre a história local e regional, mas também minimiza a importância e o impacto das culturas indígenas e de outras culturas locais na formação da identidade regional e nacional. Professores entrevistados para o estudo expressaram preocupações com essa tendência, destacando a necessidade de um currículo mais inclusivo e representativo que valorize as contribuições indígenas e locais na história brasileira. O artigo conclui ressaltando a necessidade de uma abordagem mais equilibrada e inclusiva na educação histórica, que reconheça devidamente o legado de figuras como Ajuricaba e outras importantes para a História e cultura amazônica.

Palavras-chave: Educação histórica; Amazonas; Rede pública; Currículo inclusivo; Narrativas.

RESUMEN

Este artículo ofrece un análisis de la disparidad en las representaciones históricas en Humaitá, Amazonas, Brasil. A través de un enfoque que combina el análisis de contenido de los libros de texto con las narrativas de docentes que trabajan en la región, el artículo revela un ocultamiento de personajes históricos locales, en particular el Cacique Ajuricaba, un líder indígena emblemático, en comparación con el énfasis dado a personalidades y eventos europeos. La investigación, realizada desde una perspectiva histórico-cultural, pone de relieve cómo la educación histórica en el municipio se ha visto influenciada por una visión eurocéntrica, relegando en muchas ocasiones a personajes y acontecimientos locales a un papel secundario o incluso omitiéndolos. Este desequilibrio no sólo distorsiona la comprensión de los estudiantes sobre la historia local y regional, sino que también minimiza la importancia y el impacto de las culturas indígenas y otras culturas locales en la configuración de la identidad regional y nacional. Los profesores entrevistados para el estudio expresaron su preocupación por esta tendencia, destacando la necesidad de un plan de estudios más inclusivo y representativo que valore las contribuciones indígenas y locales a la historia de Brasil. El artículo concluye destacando la necesidad de un enfoque más equilibrado e inclusivo de la educación histórica, que reconozca debidamente el legado de figuras como Ajuricaba y otros importantes para la Historia y la cultura amazónicas.

Palabras llave: Educación histórica; Amazonas; Rede pública; Currículo inclusivo; Narrativas.

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário Claretiano, mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: jhullymorais@hotmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4057-6974>.

² Doutorada em Diagnóstico e avaliação educativa- psicopedagogia pela Universidade de Corunã, docente atuando na graduação e pós-graduação. Orientadora da pesquisa em causa, PPGECH-UFAM. E-mail: suelyanm@ufam.edu.br. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado atualmente em desenvolvimento. Seu foco é examinar, especificamente no município de Humaitá, no Amazonas, Brasil, como a história local e regional é retratada em livros didáticos usados nas escolas públicas. Além disso, a pesquisa inclui uma análise dos documentos que orientam o ensino de História na região e, simultaneamente, explora as narrativas de professores da rede pública de ensino de Humaitá.

Historicamente, muitos sistemas educacionais têm priorizado a herança europeia em seu currículo, desde a Literatura até a História. Isso se reflete na prevalência de textos, ideias e figuras históricas europeias que dominam os livros didáticos e aulas. Embora essa abordagem reconheça a influência europeia significativa, muitas vezes marginaliza a rica história e cultura indígena, apresenta desafios em termos de representação e valorização equitativa nas esferas da educação, cultura e identidade nacional.

Esta lacuna no currículo pode levar a uma compreensão limitada das raízes históricas e das memórias ancestrais, negligenciando as contribuições de lideranças políticas locais na formação da realidade da região. Este cenário sublinha a importância de integrar conteúdos históricos locais e regionais nos materiais didáticos e paradidáticos usados na educação básica, visando enriquecer a educação básica com perspectivas mais contextualizadas e relevantes.

Santos (1995) aborda o conceito de epistemicídio, que se refere à destruição ou supressão de formas de conhecimento, especialmente aquelas associadas a grupos marginalizados ou considerados estranhos pelas potências colonizadoras ou imperialistas. O epistemicídio é apresentado como uma ferramenta utilizada para estabelecer e manter hierarquias raciais, tendo um impacto significativo na educação. O genocídio cometido durante a expansão europeia é descrito não apenas como a eliminação física de povos, mas também como um epistemicídio, onde formas de conhecimento não europeias foram destruídas porque eram sustentadas por culturas e sociedades consideradas estranhas ou ameaçadoras à expansão capitalista e, em alguns contextos, à expansão comunista. Assim, o epistemicídio é apresentado como um fenômeno abrangente, afetando uma ampla gama de grupos e conhecimentos em diferentes contextos globais.

Questionar se as abordagens epistemológicas ocidentais são universais ou se devemos adaptar nossos métodos de busca e validação do conhecimento para acomodar diversas

perspectivas culturais e contextuais, poderia desafiar a predominância de certos paradigmas epistemológicos e promover a inclusão de uma variedade mais ampla de perspectivas e métodos no discurso científico e filosófico.

Mascarenhas et al. (2019) destacam que a metaepistemologia de contextos enfatiza a necessidade de uma abordagem holística na interpretação de eventos. Espera-se uma evolução de uma visão restrita e especializada para uma mais global e cósmica, que contempla tanto aspectos específicos quanto suas relações em um contexto mais amplo, a criação de conhecimentos inclusivos e contextualizados. Nesse sentido, destaca Câmara et al. (2022), na sociedade contemporânea, adotar a metaepistemologia de contextos, representa um ato de resistência para sobreviver a hegemonia do pensamento europeu.

O equilíbrio entre as heranças europeia e indígena não é apenas uma questão de justiça e representação, é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade que respeita e celebra sua diversidade cultural e histórica. Na educação, isso significa incorporar ambos os aspectos em currículos e métodos de ensino. Culturalmente, envolve a criação de espaços que reconhecem e valorizam igualmente as contribuições de todas as heranças. Ao abraçar ambas as heranças com respeito e equidade, podemos construir uma identidade coletiva mais rica e inclusiva.

Este artigo reflete sobre as implicações de um currículo desequilibrado, que tende a glorificar aspectos da história europeia e global enquanto negligencia as ricas e complexas histórias locais e regionais. Destacando a necessidade de um diálogo contínuo entre educadores, historiadores e formuladores de políticas educacionais para garantir que os currículos reflitam a diversidade e a complexidade das histórias locais e nacionais.

A intersecção da consciência bio-histórico-cultural com a valorização da memória ancestral e o currículo oculto

A compreensão das origens de qualquer sociedade é intrinsecamente ligada à consciência bio-histórico-cultural e à valorização da memória ancestral. Esses elementos não são apenas registros do passado, mas fundamentos essenciais que moldam a identidade, a cultura e os valores de uma comunidade. Consciência bio-histórico-cultural vai além do mero conhecimento dos eventos passados, é uma compreensão profunda de como esses eventos influenciaram e continuam a influenciar o presente e o futuro. Ela ajuda a sociedade a reconhecer padrões, aprender com erros anteriores e valorizar as conquistas históricas. Sem

essa consciência, as sociedades correm o risco de repetir os mesmos erros ou de ignorar as lições valiosas que o passado oferece.

A consciência bio-histórico-cultural pode ser interpretada como a compreensão integrada e profunda da interconexão entre a biologia (bio), a história (histórico) e a cultura (cultural) na formação da identidade e da experiência de um indivíduo ou comunidade.

A bio refere-se à compreensão de como os aspectos biológicos, como a genética, a evolução e a ecologia, influenciam e são influenciados pela existência e comportamento humanos. Isso inclui como os seres humanos interagem com o ambiente natural e como isso afeta sua saúde, desenvolvimento e sobrevivência. Histórico envolve a apreciação da história e de como os eventos e circunstâncias passadas moldam as realidades atuais, incluindo as trajetórias sociais, políticas e econômicas de indivíduos e sociedades. Entender o passado é crucial para compreender o presente e antecipar o futuro. Cultural relaciona-se com o reconhecimento da importância da cultura - costumes, tradições, linguagem, arte, crenças - na definição de identidades e na influência sobre comportamentos e percepções. A cultura é um elemento dinâmico e evolutivo da experiência humana que molda e é moldada por outros fatores sociais e individuais.

Portanto, a consciência bio-histórico-cultural implica uma abordagem holística para entender a condição humana, reconhecendo que nossas vidas são o resultado da interação complexa entre nossa biologia, nossa história e nossa cultura. A compreensão integrada dessas dimensões é fundamental para entender a diversidade e a complexidade das experiências humanas.

A memória ancestral é o elo entre as gerações atuais e seus antepassados. Ela não se limita apenas à transmissão de fatos, mas também inclui a perpetuação de tradições, valores, crenças e práticas. Esta memória ajuda a criar um senso de continuidade e pertencimento, reforçando a conexão com o passado e fornecendo um senso de identidade coletiva. De acordo com Munduruku (2018), os 305 povos milenares que habitam o país, sempre valorizaram a transmissão de conhecimentos através da palavra falada, um legado transmitido oralmente de geração em geração. A oralidade, enfatizada nas narrativas dos anciãos, é o principal meio pelo qual essas comunidades perpetuam suas tradições, incentivando as gerações mais jovens a fortalecerem sua memória, e a proteger suas histórias e lendas.

Conforme aponta Munduruku (2018, p.82):

Esses povos traziam consigo a Memória Ancestral. Entretanto, sua harmônica tranquilidade foi alcançada pelo braço forte dos invasores: caçadores de riquezas e de almas. Passaram por cima da memória e escreveram no corpo dos vencidos uma história de dor e sofrimento. Muitos dos atingidos pela gana destruidora tiveram que ocultar-se sob outras identidades para serem confundidos com os desvalidos da sorte e assim sobreviver. Esses se tornaram sem-terras, sem-teto, sem-história, sem-humanidade. Tiveram que aceitar a dura realidade dos sem-memória, gente das cidades que precisa guardar nos livros seu medo do esquecimento.

Para uma compreensão equilibrada das origens de uma sociedade, é crucial equilibrar diversas perspectivas históricas. Isso significa reconhecer e valorizar as narrativas de todos os grupos, sejam elas orais ou escritas, especialmente daqueles que foram marginalizados, sub-representados ou ocultados na história oficial. A inclusão dessas vozes oferece uma visão mais completa e diversificada do passado.

Na contemporaneidade, percebemos a essencialidade da consciência bio-histórico-cultural e da memória ancestral para um entendimento equilibrado das origens e evolução da nossa sociedade. Ao valorizar esses aspectos, podemos garantir que as lições do passado iluminem o caminho para um futuro mais harmonioso e equitativo.

Na jornada educacional, muito do aprendizado não se encontra nas páginas dos livros didáticos ou nos planos de aula dos professores. Esse aprendizado paralelo, conhecido como *currículo oculto*, desempenha um papel crucial na moldagem das percepções, atitudes e crenças dos alunos. Embora o currículo formal seja fundamental para a instrução acadêmica, é no currículo oculto que muitas lições sobre a vida social, valores e normas são aprendidas.

Conforme Magalhães (2011), o currículo oculto surge das interações diárias, da cultura escolar, das políticas institucionais e até mesmo da disposição física da escola. Ele ensina aos alunos sobre o que é valorizado na sociedade, como hierarquias sociais e de poder são estabelecidas e mantidas, e como se comportar em diferentes contextos sociais. Além disso, o currículo oculto frequentemente reforça normas, padrões de comportamento e expectativas de classe. Ele pode tanto perpetuar desigualdades quanto oferecer espaços não reconhecidos para resistência e empoderamento. Em muitos casos, os alunos aprendem a navegar em sistemas sociais complexos e a entender seu lugar dentro desses sistemas através dessas experiências não planejadas e não estruturadas.

A conscientização sobre o currículo oculto é vital para os educadores que buscam criar um ambiente de aprendizagem mais equitativo e inclusivo. Reconhecer e refletir sobre as

mensagens subliminares e as lições não intencionais transmitidas na escola pode ajudar a mitigar os efeitos de reforços de desigualdades sociais e culturais. Através de uma abordagem reflexiva e crítica, os educadores podem trabalhar para garantir que as lições aprendidas no currículo oculto se alinhem com os valores de equidade, respeito e inclusão.

No contexto educacional atual, a História frequentemente se inclina para relatos dominantes, deixando de lado as contribuições e experiências indígenas como a do Cacique Ajuricaba. Esse desequilíbrio não só distorce a compreensão histórica dos alunos, mas também perpetua uma visão limitada da diversidade e complexidade das sociedades passadas. Ao negligenciar essas histórias, perdemos a oportunidade de aprender com a riqueza de diferentes culturas e perspectivas.

Os livros didáticos utilizados em Humaitá (2020-2023)

Na contemporaneidade, de acordo com Moura (2019), o livro didático desempenha um papel central no processo de subjetivação e individuação dos indivíduos. A individuação, refere-se ao processo pelo qual um indivíduo busca tornar-se a pessoa única e plena que ele ou ela potencialmente é. A individuação envolve a integração de aspectos inconscientes da psique, a aceitação de contradições internas e o desenvolvimento de uma identidade autêntica. Esse processo é considerado crucial para alcançar um estado de equilíbrio psicológico e realização pessoal.

Moura (2019) destaca que o livro é como um alicerce cultural transmitido pela instituição escolar, ele influencia a formação de identidades dos estudantes. Apesar de haver uma carga ideológica nos livros didáticos e sua propensão a difundir uma cultura superficial, o autor argumenta que a utilização desses materiais em ambiente escolar contribui para a consolidação de conhecimentos, valores culturais e elementos imaginários que moldam a identidade na sociedade atual.

O autor ainda destaca que o livro didático, como manifestação simbólica, é a representação de um vasto repertório cultural que abraça diversas esferas de conhecimento, incluindo aspectos étnicos, religiosos, políticos e sociais. Por meio desse conjunto, o agente social, personificado pelo aluno na sala de aula, interpreta e formula sua relação consigo mesmo e com os outros. Esse processo não apenas busca estabelecer vínculos de pertencimento, mas também tem o objetivo de criar uma identidade no cenário cultural imaginário, delineando, assim, fronteiras. A interligação entre memória e identidade é

indissociável, uma vez que a memória, ao mesmo tempo em que molda os agentes sociais, também é moldada por eles.

Segundo Bolívar (2019), a adaptação do papel da escola diante dos desafios atuais e futuros na formação das novas gerações exige uma reconsideração do currículo e das formas organizacionais mais apropriadas. A escola desempenha uma função crucial ao facilitar a informação e integração das diferenças culturais no âmbito do pluralismo democrático. O atual dilema da educação pública reside na conciliação entre os princípios normativos unificadores de justiça e o reconhecimento dos diversos projetos de vida culturais.

A escola, enquanto agente formador da consciência de cidadania, é acessível a todos os alunos sem qualquer forma de discriminação. Ela integra a diversidade sociocultural e respeita as diferenças individuais, promovendo a socialização intercultural. O objetivo é desenvolver cidadãos com igualdade de direitos, reconhecendo e valorizando suas particularidades. Esses cidadãos devem possuir a capacidade e a responsabilidade necessárias para participar ativamente nos âmbitos político e social, revitalizando, assim, o tecido social da sociedade civil (Bolívar, 2019).

A seleção de materiais didáticos é crucial na educação dos alunos, proporcionando-lhes um entendimento completo da história e cultura brasileiras, incluindo as particularidades regionais. Na Escola Municipal Dom Bosco, a coleção "História sociedade & cidadania" de Alfredo Boulos, publicada pela Editora FTD em 2018, foi escolhida para o período de 2020-2023. Este estudo analisa como essa coleção trata dos temas indígenas e da história local e regional em suas diversas séries.



Fonte: MORAIS, 2023.

No material do 6º ano, apesar da inclusão de tópicos sobre povos indígenas, como os mantos tupinambás, falta conteúdo específico sobre a história de Humaitá ou do Amazonas. Boulos (2018) destaca a raridade e importância desses mantos, que se encontram principalmente em acervos europeus, apontando para desafios na preservação do patrimônio cultural indígena brasileiro.

A coleção aborda a história indígena e regional, mas com uma ênfase maior em aspectos nacionais e internacionais, deixando de lado detalhes específicos de Humaitá e do Amazonas. No material do 7º ano, a temática indígena é continuada com um foco semelhante.

Discute a domesticação da mandioca pelos tupis da Amazônia, detalhando como transformaram a mandioca-brava em um alimento comestível, com menção a técnicas indígenas como a produção de tucupi e tapioca. Em uma das páginas, o texto se volta para os Tupinambá de Olivença na Mata Atlântica, ressaltando a relevância da herança ameríndia no entendimento de sua organização social e estilo de vida contemporâneo.

No material para o 8º ano, o autor examina a Cabanagem, um importante episódio histórico do Norte do Brasil, destacando a demografia indígena da época. É relatado que, em 1835, na província do Grão-Pará, de uma população total de aproximadamente 120 mil pessoas, 33.000 eram indígenas. A inclusão destes dados é significativa para compreender a presença indígena na história da região, mas um aprofundamento na descrição do envolvimento e influência indígena na Cabanagem agregaria valor ao conteúdo. Além disso, o livro aborda, na página 208, a abolição da escravidão no Amazonas em 1884, situando-a dentro de um contexto abolicionista mais abrangente. Uma análise detalhada sobre como essa abolição impactou especificamente a região do Amazonas e suas implicações locais enriqueceria a compreensão histórica da área.

O livro do 9º ano foca nos povos indígenas após a República, examinando o indianismo e a visão republicana sobre os indígenas, incluindo uma citação de 1911 sobre o "branqueamento" da população brasileira. O capítulo 4 discute a inclusão de indígenas e outros grupos na história até 1964, mencionando a perda da língua Tupi. As páginas detalham as políticas do SPI e as lutas territoriais indígenas, destacando a valorização dos indígenas na Era Vargas e seus direitos à terra, e a visão Yanomami sobre a ocupação militar na Amazônia e a resistência indígena durante a ditadura.

Em resumo, a coleção "História, Sociedade & Cidadania" de Alfredo Boulos, utilizada na Escola Municipal Dom Bosco de 2020 a 2023, apresenta uma perspectiva restrita sobre os povos indígenas e a história específica da região ao longo de suas diferentes séries. Embora exista potencial para enriquecer o conteúdo sobre o Amazonas, a coleção tende a focar mais amplamente na cultura e história de outras regiões brasileiras, como o Sul e Sudeste, e em acontecimentos globais, especialmente os europeus, deixando de lado detalhes mais profundos sobre a Amazônia e seus povos nativos.

A análise da coleção "Historiar" de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, publicada em 2018 pela Editora Saraiva, disponibilizada pela Rede Estadual de educação para ser utilizada no quadriênio 2020-2023 na Escola Estadual Álvaro Maia, revela uma visão ampla e

diversificada sobre a história do Amazonas e das comunidades indígenas brasileiras, sem menções à história local de Humaitá. Este material é distribuído ao longo de diferentes níveis de ensino, cada livro da série enfatiza particularidades da história e da cultura de diversas regiões e povos.

Imagem 2: Capas dos livros de História da Escola Estadual Álvaro Maia



Fonte: MORAIS, 2023.

O livro do 6º ano da série "Historiar" apresenta uma fotografia do Teatro Amazonas, que serve mais como uma introdução visual à riqueza arquitetônica da região do que como uma exploração aprofundada de sua história. Também traz informações sobre arqueologia no Brasil, incluindo sítios arqueológicos no Amazonas sem restos humanos, fornecendo um

vislumbre da história pré-colonial da área. Alimentos locais, urnas funerárias marajoaras e objetos cerimoniais mencionados, destacam a rica cultura dos povos originários, juntamente com uma discussão sobre a dispersão dos primeiros grupos humanos pela América.

Para o 7º ano, o livro oferece uma visão abrangente da história indígena, abordando desde aspectos culturais e sociais até históricos. Ao longo das páginas, estima a população indígena pré-colonial, foca nos tupi-guarani e no impacto devastador do contato europeu na população indígena. Aspectos da vida cotidiana e práticas agrícolas indígenas são explorados, e o capítulo 9 discute o início da colonização e os problemas ambientais resultantes.

O livro do 8º ano, aborda a Cabanagem, enfatizando o contexto demográfico indígena durante a revolta, mas limitando-se a uma visão geral da participação indígena, abordam a "civilização" dos indígenas e da exploração de suas terras.

No 9º ano, o livro aprofunda-se em eventos e instituições cruciais para as comunidades indígenas na Amazônia. Discute a fundação do SPI por Marechal Rondon, explora a era da borracha e seus impactos na região, destaca o Parque Indígena do Xingu e a união de diferentes povos indígenas.

Em suma, a coleção "Historiar" de Cotrim e Rodrigues (2018) empenha-se em apresentar uma narrativa histórica abrangente e diversificada, introduzindo os estudantes a conceitos complexos sobre a história e cultura do Amazonas e dos povos indígenas no Brasil, promovendo o pensamento crítico e a inclusão de múltiplas perspectivas.

Narrativas de professores da rede pública do município de Humaitá

A pesquisa em andamento que investiga a ausência da memória e da história local e regional nos livros didáticos de escolas em Humaitá-AM, revela uma análise detalhada dos educadores locais. Doze participantes, todos moradores de Humaitá, contribuíram anonimamente com suas valiosas percepções para o estudo. Todos os professores atuam em escolas públicas, proporcionando um foco específico nas necessidades e desafios deste setor para o ensino de História.

Os professores têm em média 37 anos, com uma faixa etária entre 30 e 51 anos, e uma média de 18 anos de experiência profissional. A maioria dos participantes, 75%, é feminina, enquanto 25% são masculinos, refletindo a predominância feminina na educação atualmente. Quanto à etnia, 83% dos professores se identificam como pardos e 17% como brancos, destacando a diversidade étnica de Humaitá e sua influência na percepção da história regional.

Em relação à formação educacional, 50% dos participantes têm especialização, 33% têm graduação e cerca de 17% estão envolvidos em programas de mestrado ou doutorado. Essa variedade de qualificações oferece múltiplas perspectivas para a análise dos livros didáticos.

Sobre o estado civil, os participantes estão divididos entre casados e solteiros, ambos com cerca de 42%, seguidos por 8% em união estável e 8% divorciados, refletindo uma ampla gama de experiências de vida.

Sobre a falta de representação da memória, história local e regional nos livros didáticos de escolas públicas em Humaitá, Amazonas, os resultados revelam preocupações sobre a ausência de conteúdo relevante sobre figuras locais e regionais nos materiais educacionais. Dez dos doze participantes afirmaram a falta desse conteúdo, enquanto apenas um observou sua presença e outro sua presença parcial.

Uma análise mais profunda dessa questão mostra a falta de representação de conteúdos locais nos livros. Os participantes notaram que esses conteúdos aparecem apenas em ocasiões específicas, como aniversários da cidade, ou são praticamente inexistentes, principalmente na história da Amazônia no ensino fundamental.

Sobre a inclusão de conteúdos locais de outras formas, as respostas foram mistas. Alguns professores conseguiram incluir esses conteúdos, utilizando estratégias como folhas impressas, cartazes, questionamentos críticos e pesquisas regionais. Acerca da importância de incluir a memória de personagens locais no currículo escolar, com a maioria dos participantes apoiando fortemente essa inclusão, enfatizando a valorização da cultura local, preservação da história regional e reconhecimento dos ancestrais.

As narrativas dos professores sobre a presença de conteúdos locais e regionais em livros didáticos, revelou que a maioria não identifica esses elementos, embora um participante tenha observado sua presença parcial. Os participantes ofereceram perspectivas sobre como aprimorar o ensino de História na educação básica, sugerindo a introdução de histórias locais e nacionais significativas para enriquecer o aprendizado.

Quanto à familiaridade com os parâmetros curriculares para o ensino de História, a maioria não estava familiarizada com eles, e aqueles que conheciam os parâmetros comentaram sobre sua aplicação inadequada e a necessidade de complementação com outras fontes.

Em resumo, o estudo evidencia a necessidade de um ensino de História mais contextualizado e envolvente no município, com os educadores sugerindo diretrizes para enriquecer o currículo e as práticas de ensino, visando uma educação histórica mais significativa para os alunos.

A representação nos monumentos históricos do município

O valor da História reside na sua capacidade de guiar o ser humano ao longo do espaço e do tempo, oferecendo-lhe a oportunidade de compreender sua própria realidade. A contemporaneidade aponta para a desconstrução de paradigmas na História, partindo de um processo crítico de questionar e dismantelar concepções e modelos interpretativos previamente estabelecidos. Envolve a análise e reavaliação de narrativas históricas tradicionais, muitas vezes visando expor vieses, perspectivas unilaterais ou interpretações enviesadas. Esse processo busca promover uma compreensão mais aberta, plural e contextualizada do passado, incentivando a consideração de diversas vozes e experiências na construção do conhecimento histórico.

É essencial adotar uma abordagem renovada na historiografia regional que valorize e recupere o patrimônio cultural dos povos indígenas, verdadeiros detentores de um vasto conhecimento e sabedoria acumulada ao longo de milênios. Esta nova ótica histórica, focada nas realidades locais e regionais, propõe uma ruptura com a visão eurocêntrica e global tradicional, muitas vezes imposta pelos colonizadores.

Ao enfatizar acontecimentos menos conhecidos e frequentemente marcados pela dor, como a violência durante o processo de colonização da Amazônia, uma perspectiva histórica que se debruça sobre o local e regional atua como um recordatório das lições do passado. Entender as injustiças e o impacto das ações humanas no nível local pode funcionar como um alerta para evitar a repetição de tais erros no futuro.

No município de Humaitá, por exemplo, há dois monumentos em espaços públicos que homenageiam europeus. O primeiro é dedicado a José Francisco Monteiro, considerado o "fundador" da cidade, apesar da presença anterior dos indígenas na área. O segundo monumento é em homenagem a Ferreira de Castro, autor de "A Selva", um livro escrito durante sua estadia em um seringal próximo a Humaitá. Ambos os monumentos refletem uma narrativa histórica que frequentemente prioriza a perspectiva dos colonizadores em detrimento das histórias locais e indígenas.

Imagem 3: Estátua de José Francisco Monteiro na orla de Humaitá-AM



Fonte: MORAIS, 2023.

Imagem 4: Estátua em homenagem à Ferreira de Castro



Fonte: MORAIS, 2023.

A representação indígena na educação não se limita apenas à inclusão de conteúdo sobre as culturas indígenas. Envolve também a incorporação de métodos de ensino e filosofias educacionais que refletem a sabedoria e as práticas dessas comunidades. Isso pode oferecer aos estudantes uma visão mais holística e integrada do conhecimento, além de promover o respeito e a valorização das diversas heranças culturais.

A figura do Cacique Ajuricaba destaca-se como um exemplo emblemático das falhas e desigualdades no ensino da história regional. Sua história ilustra a necessidade premente de integrar as perspectivas indígenas e de outros grupos frequentemente ignorados nos materiais

didáticos. A história de Ajuricaba não é apenas uma narrativa isolada, ela representa uma série de vozes não ouvidas e perspectivas não exploradas que são cruciais para uma compreensão completa e justa do passado.

A maneira como uma sociedade escolhe representar sua herança em monumentos, museus, literatura e arte fala muito sobre sua identidade coletiva. Monumentos e obras de arte que celebram exclusivamente figuras e temas europeus podem inadvertidamente transmitir a mensagem de que a herança indígena é menos valiosa ou influente.

A criação de espaços e monumentos que homenageiam a herança indígena não é apenas uma questão de representação equitativa; é também uma forma de reconhecer e curar as feridas históricas. A valorização dessas heranças pode reforçar uma identidade nacional mais inclusiva e multifacetada.

O 54º Batalhão de Infantaria de Selva do município é nomeado em honra do Cacique Ajuricaba, com uma estátua erguida em sua homenagem. No entanto, para visitar o local, é necessário obter permissão dos militares e agendar uma visita, o que pode não ser viável para todos os residentes do município. Além disso, o batalhão está localizado a uma distância considerável da cidade, aproximadamente 8 (oito) quilômetros, na Rodovia 230, lendária Transamazônica.

Imagem 5: Estátua do Cacique Ajuricaba no 54° BIS, Humaitá, AM.



Fonte: MORAIS, 2023.

O reconhecimento do Exército Brasileiro sobre a importância do legado de Ajuricaba levanta questões sobre a ausência de sua história nos livros didáticos da região e a falta de menção a ele nas escolas, sugerindo que sua presença esteja relegada apenas ao currículo oculto.

Álvaro Doéthiro Tukano, um líder indígena do povo ye'pâ masa, conhecido na literatura como povo *tukano*, em depoimento gravado ao documentário Ajuricaba, da série “Construtores do Brasil”, uma iniciativa da TV Câmara (2012), afirmou:

Nós dependemos de nossos rios, de nossos lagos, de nossas florestas, esse é o patrimônio que o Brasil deve defender, e o que temos de melhor é o verde, é a natureza né? E Ajuricaba fez isso, então eu sou um dos Ajuricabas, outros índios são

Ajuricabas também, você também deve ser uma Ajuricaba. O povo brasileiro tem que defender o que é nosso!

Ajuricaba representa a resistência contra as forças coloniais e a luta contra a subjugação dos povos indígenas. Sua figura deveria estar amplamente representada nos livros didáticos, em espaços públicos e em diversos outros locais como um símbolo dessa resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revela uma preocupante escassez. Esta lacuna no currículo pode levar a uma compreensão limitada das raízes históricas e das memórias ancestrais, negligenciando as contribuições de lideranças políticas locais na formação da realidade da região. Este cenário sublinha a importância de integrar conteúdos históricos locais e regionais nos materiais didáticos e paradidáticos usados na educação básica, visando enriquecer a educação básica com perspectivas mais contextualizadas e relevantes.

É essencial desenvolver uma nova abordagem epistemológica para resgatar os conhecimentos e experiências que foram desconsiderados ou mesmo erradicados pelo pensamento colonial e capitalista. Devemos considerar essas dinâmicas históricas para compreender o impacto duradouro nas comunidades indígenas e não-indígenas de Humaitá. Resgatar e valorizar a história e a cultura indígena, nordestina, africana e afro-brasileira é fundamental para promover a justiça histórica e construir uma narrativa inclusiva que reflita a diversidade e a riqueza da região.

Por fim, incorporar a oralidade como uma forma legítima de transmissão de conhecimento, garantindo que as vozes das comunidades locais sejam ouvidas e respeitadas. Ao fazer isso, não apenas enriquecemos o ensino escolar em Humaitá e em toda a Amazônia, mas também contribuimos para a preservação da rica herança cultural, ambiental e epistemológica dos povos originários dessa região. Com a continuidade de estudos e pesquisa associadas, novos saberes serão aportados fortalecendo o acervo histórico cultural local e regional para utilização no ensino formal conferindo significado ao currículo escolar, observando diretrizes vigentes.

REFERÊNCIAS

BOLIVAR, Antonio. **Un currículum inclusivo en una escuela que asegure el éxito para todos**. Revista E-currículum, v. 17, n. 3, p. 827-851, 2019.

BOULOS, Alfredo. **História sociedade & cidadania**: 6º ano: ensino fundamental: anos finais. 4. Ed. São Paulo: Editora FTD, 2018.

BOULOS, Alfredo. **História sociedade & cidadania**: 7º ano: ensino fundamental: anos finais. 4. Ed. São Paulo: Editora FTD, 2018.

BOULOS, Alfredo. **História sociedade & cidadania**: 8º ano: ensino fundamental: anos finais. 4. Ed. São Paulo: Editora FTD, 2018.

BOULOS, Alfredo. **História sociedade & cidadania**: 9º ano: ensino fundamental: anos finais. 4. Ed. São Paulo: Editora FTD, 2018.

CÂMARA, Igor; VARGAS, Jesus Lara; MASCARENHAS, Suely. **METAEPISTEMOLOGIA DE CONTEXTO: narrativas sobre decolonialidade e complexidade**. Revista EDUCAmazônia-Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, v. 15, 2022.

CONTRIM, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. **Historiar**: 6º ano: ensino fundamental: anos finais. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

CONTRIM, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. **Historiar**: 7º ano: ensino fundamental: anos finais. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

CONTRIM, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. **Historiar**: 8º ano: ensino fundamental: anos finais. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

CONTRIM, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. **Historiar**: 9º ano: ensino fundamental: anos finais. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

DE BARROS, Carlos Henrique Farias. **Ensino de História, memória e história local**. Criar Educação, v. 2, n. 2, 2013.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; RUIZ, Erasmo Miessa. **Estigma e currículo oculto**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 17, pág. 125-142, 2011.

MASCARENHAS, Suely et al. Impacto de variáveis cognitivas e contextuais sobre o sucesso acadêmico e o bem estar na universidade—que fazer? Que deixar de fazer? **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH**, v. 3, n. 2, Jul-Dez, p. 538-569, 2019.

MORAIS, Jhully Gomes. Base de dados do Projeto de pesquisa: **Ausência da história regional e local em livros didáticos utilizados em escolas da rede pública de Humaitá, Amazonas, Brasil**. Projeto de Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em

Ensino de Ciências e Humanidades, Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2023, não publicado.

MOURA, Vagner Aparecido de. **Os efeitos da memória histórica, das lembranças e da formação discursiva do livro didático de História no mundo figurativo do ator social brasileiro.** InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies, v. 8, p. 127-147, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Escrita indígena: registro, oralidade e literatura / O reencontro da memória.** In: Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Pág. 81-83. Disponível em: <https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf#page=81>. Acesso em: 09 dez 2023.

SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SURITA, Teresa. **Ajuricaba, o líder da tribo dos Manaós.** TV Câmara, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PmCXEcqf1hg&t=136s>>. Acesso em: 12 dez 2023.

Recebido em: 30 de outubro de 2023.

Aprovado em: 14 de dezembro de 2023.

Publicado em: 01 de janeiro de 2024.

Autoria:

Jhully Gomes Morais

Licenciada em História pelo Centro Universitário Claretiano, mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: jhullymorais@hotmail.com.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4057-6974>

País: Brasil.

Suely A. do N. Mascarenhas

Doutorada em Diagnóstico e avaliação educativa- psicopedagogia pela Universidade de Corunã, docente atuando na graduação e pós-graduação. Orientadora da pesquisa em causa, PPGECH-UFAM.

E-mail: suelyanm@ufam.edu.br.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>

País: Brasil.